

Uma Visita Inconveniente

Graciliano Ramos

O sociólogo estrangeiro desembarcou, dirigiu-se ao hotel, aboletou-se e no dia seguinte percorreu a cidade, exibindo a roupa de sábio, surrada e com joelheiras, o guarda-chuva de cabo torto, o chapéu de palha, sujo, roído nas abas, um grande pacote amarelo debaixo do braço.

Conhecidas várias ruas, encaminhou-se ao palácio do Governo, entregou a um contínuo o cartão de vista e sentou-se. Pouco depois mandaram-no entrar, pois tinha vindo pelo telégrafo recomendação forte. Ergueu-se, afastou o reposteiro verde com símbolos bordados a ouro e achou-se na presença do poder executivo, a quem endereçou um pequeno discurso organizado na antecâmara, mentalmente.

Em seguida, sobre a mesa larga onde o expediente se acumulava, desatou os cordões do embrulho e ofereceu a S. Excia. diversas brochuras grossas, que encerravam, com largo saber, as transações humanas dos tempos pré-históricos e as do futuro.

O governador incluiu num rápido balanço os títulos sisudos, as dedicatórias amáveis, os milheiros de páginas cobertas de letra miúda, floresta raramente quebrada por espaços brancos. Juntou a isso as duas linhas que negrejavam no cartão, sob o nome do visitante, os termos da recomendação telegráfica, ministerial — e disse as palavras aplicáveis à situação.

Conservou durante os minutos precisos e regulamentares, pensando nos encrocados artigos dum vago decreto e numa criatura feminina, também vaga e encrocada. Ditas as frases necessárias, calcou o botão da campainha e mandou chamar um funcionário de vulto, conveniente às exigências do sociólogo que ali descansava na cadeira de espaldar alto, encimado por uma águia e outros objetos oficiais. Vindo o burocrata, fez a apresentação:

— Professor Fulano, da universidade de... (Onde era a universidade, santo Deus?) A universidade de tal parte. Deseja...

Houve uma pausa, exame de papéis — e o sociólogo explicou minuciosamente o que desejava.

O Governador não entendeu e transportou-se aos parágrafos difíceis do decreto e a certas palavras da mulher vaga. O funcionario balançou a cabeça:

— Perfeitamente.

Despedidas protocolares, sorrisos, agradecimentos. O contínuo, percebendo que o sujeito era importante, franziu, curvando-se, os símbolos dourados do reposteiro verde.

— As suas ordens, professor, disse o funcionário, deixando o palácio.

E entrou num automóvel, dispôs-se, chateado, a mostrar ao homem do guarda-chuva de cabo torto as curiosidades indispensáveis à fabricação duma obra séria, acadêmica.

Percorreram secretarias, diretorias, e serviço de algodão. Viram e comentaram a estrada de rodagem, o hóspede exigindo pormenores, os construtores alargando-se em considerações alheias às perguntas. Estudaram, no aprendizado agrícola. O banheiro carrapaticida, as pocilgas, o estábulo e o galinheiro, coleções de animais desenvolvidos cientificamente e improdutivos. Foram ao tribunal e aos jornais, leram sentenças e artigos de fundo. As sentenças eram o que no lugar havia de melhor em sintaxe: os artigos, mal escritos, revelavam energia e lirismo. Visitaram o mercado, o Instituto Histórico, os clubes de futebol, os cafés, os cinemas, casas de família e casas onde não existiam famílias, em pontas de ruas.

O sociólogo estrangeiro, de olhos abertos, ouvidos abertos, a carteira aberta, o lápis na mão, possuía, decorrida uma semana, material suficiente para um livro de quinhentas páginas, corpo 8. Figurariam nele, com o auxílio de algumas crônicas pesadas, as origens, o desenvolvimento, o fim provável duma sociedade que, partindo daqui, andando ali, chegaria necessariamente acolá.

Nesse ponto, como era preciso estirar o volume, exploraram-se as escolas. Tudo correu bem nas elementares. As professoras disseram o que sabiam e os meninos indicaram no mapa o sítio onde frei Henrique de Coimbra rezou a missa de estréia. Mas num estabelecimento secundário houve desastre.

— Esse tipo, cochichou o funcionário a um lente sabido, quer uns esclarecimentos sobre os índios. Vou levá-lo à sua classe. Pensei em você para explicar direito esse negócio. Conte umas lorotas, que o homem é de universidade.

— Muito bem, respondeu a douta personagem agradecida, feliz por sair da sombra e manifestar-se diante de quem pudesse compreendê-la.

Meia hora depois, numa preleção muito verbosa dizia aos alunos (dirigia-se na verdade ao estrangeiro, que o escutava assombrado ali perto, o guarda-chuva entre os joelhos) coisas admiráveis a respeito de inscrições achadas no sertão. Garantiu que elas tinham sido feitas pelos egípcios e pelos fenícios, desembarcados no Brasil tantos séculos antes de Jesus (estabeleceu a data), agentes de colônias prósperas, ligadas por um comércio regular às metrópoles. Tentou decifrar alguns caracteres, percebeu neles os nomes de Osíris e dos engenheiros que, há quatro mil anos, executaram obras notáveis na cachoeira de Paulo Afonso. Sim senhor. Os devotos de Osíris e de Isis misturados aos selvagens nacionais, que ainda não eram tupis.

— Não senhor.

— O estrangeiro embasbacava, arregalava os olhos. E o funcionário suava, agitava-se desesperadamente na cadeira, parecia mordido de pulgas. Trincava os beíços e fazia gestos inúteis. Segurava-se à idéia de que o sujeito importante, conhecedor de fatos relativos à pré-história e ao fim do mundo, não entendesse a linguagem do professor cambembe, provinciana e corrupta.

— Ora muito bem. Dessas relações entre o elemento indígena, o egípcios e os fenícios nasceram os tupis.

Os estudantes maus bocejaram. Os estudantes bons sorriram. Os medíocres pegaram os cadernos e tomaram notas.

— Felizmente lá fora ninguém entende um português assim estragado, consolou-se o funcionário. Estamos em segurança.

O sociólogo estrangeiro desiludiu-o, fulminou-o com uma pergunta brutal:

— Os senhores não têm programas, um homem pode aqui ensinar isso na escola?

in *Cultura Política*, a. 2, nº 22, Rio de Janeiro,
dez. 1942, p. 154-5.

georgiano, que sacocobria as primeiras fontes turmas.
 Joanes So século XVI. No exterior vemos, ao fundo, uma
 coisa que dizem ser mãe; a mãe So hospitalito Constantino
 Arankidze, que o czar Davis, o construtor, mandou
 cortar, provavelmente para o artele não tornar a
 fazer obra igual (leuda). — Tbilisi, São 13. Visita
 a Charmont, no hospital. Visita no Instituto Marx-
 Engels. Três quadras. Seminário para professores de
 marxismo. Vitrinas com documentos, fotografias,
 autógrafos. Lenin na universidade de Kazan, nação,
 forjado aos 17 anos, Sagrado. Facsimile do livro em que
 Lenin escrevia com leite, nas antelinhias. Originais
 de Stalin, do tempo em que trabalhava num observatório.
 Companheiros de Stalin na redação da Luta (Baku),
 a Letra do Cáucaso. Matriz da Letra, antela de
 Lulia para a Rússia. Frontispício da primeira edição
 da Lua fazer! (Lenin, 1902). Originais de Lenin,
 irregulares, muito emendados; letras mistas, letras
 adivinhas, borrões, desenhos; o nome de erro. Original
 da dicção com Martoff. Sala de leitura e revolução
 de 1905. Duas salas de leitura e a primeira
 guerra imperialista (1914-1918). Conferências, cursos,
 preparação política. Instituto Sholus. Documentos de
 1917 (revolução). Iliaabedachvili, companheiro de
 Stalin no seminário, Director do Instituto. "Daz ou
 quinze minutos apenas". O número de visitantes
 aumenta sempre. Stalin nasceu em Gori. Aos sete anos,
 Iliaabedachvili, vigário de Stalin, pai e mais mais
 novo, era amigo dele. Stalin entrou no seminário num
 ano antes de Iliaabedachvili. A mãe de Stalin
 trabalhava em casa para ajudar de conseguir dinheiro
 para sustento e educação do filho. Stalin, bom aluno,
 cresceu de administração do seminário três rublos
 por mês, depois cinco, e com dez rublos a família.
 Medador, homem de sapatos. Poeta, jornalista,
 clandestino na escola. Trabalho no campo. Aos
 sete anos terminou o curso no seminário de
 Gori e entrou no seminário superior de Tiflis.

Notas de Graciliano Ramos para Viagem. O manuscrito pertence ao
 Arquivo Orígenes Lessa de Lençóis Paulista.